

# Esta Economia para quê?

Que repercussões teve a actual crise económica na organização e nos planos dos cursos de Economia? Será possível que tudo se mantenha inalterado, quando a ciência económica e tantos economistas reivindicavam para a sua disciplina uma largamente desmentida capacidade de predição e de controlo da economia? A crise da teoria e do ensino da Economia admite mais do que um cenário possível, mas nem todos os futuros vão no sentido do pluralismo e do diálogo com outras disciplinas. E a escolha desse futuro diz-nos respeito, a todos e não apenas aos economistas.

● Por **JOSÉ CASTRO CALDAS \***

N um dia já remoto de 2008, alguém escreveu em letras garrafais num muro de um instituto universitário de Lisboa onde se ensina Economia e Gestão: «Estes Economistas para quê?». Pela mesma altura (Novembro de 2008) a Rainha de Inglaterra, que tinha acabado de perder 25 milhões de libras no colapso bolsista, perguntava a uma atónita audiência de economistas na London School of Economics: «Por que é que ninguém reparou?». Em Julho de 2009 a revista *The Economist*<sup>1</sup> fazia capa com a imagem de um livro intitulado «Moderna Teoria Económica» a derreter-se sob as ondas tórridas do crash financeiro e escrevia no editorial: «De todas as bolhas económicas que foram perfuradas poucas rebotaram de forma mais espectacular do que a reputação da Economia propriamente dita».

Estes episódios anecdóticos servem para recordar que, em 2008 e 2009, o que parecia estar a cair não só o capitalismo financeiro, mas também a «Moderna Teoria Económica». Nesses dias, o dedo acusador da opinião pública apontava para a Economia e para os economistas: eles não só haviam sido incapazes de «reparar» na aproximação da crise, como haviam contribuído activamente para instalar as condições que a provocaram.

De então para cá os espíritos parecem ter serenado: pouco ou nada foi feito para conter os ímpetus da finança (pelo contrário, esta parece ter renascido das cinzas com folgo redobrado) e pouco ou nada foi feito para remediar a «Moderna Teoria Económica» ou reformar o ensino da disciplina. Na maioria das Faculdades de Economia, com destaque para as portuguesas, reina a paz dos cemitérios. Nada mudou, como se nada tivesse acontecido.

No entanto, «os economistas» e a «economia» não recuperaram a sua «reputação».

O que temos pela frente é, portanto, também, uma crise da Economia (da «moderna teoria» e do seu ensino) caracterizada pelo contraste entre a imobilidade das instituições de suporte à produção e reprodução de conhecimento económico, por um lado, e, por outro, pela perda da «reputação» da disciplina académica, isto é, a generalizada percepção pública da sua degenerescência.

Para tentar descobrir os futuros que esta crise contém devemos, primeiro, clarificar o significado de «Moderna Teoria Económica» na aceção da *The Economist* e verificar até que ponto esse significado corresponde ao entendimento público de «Economia» e de «economista». Devemos interrogar-nos, depois, quanto à medida em que a perda de «reputação» pública da disciplina e da profissão de economista é justificada. Reflectiremos, por fim, em dois dos cenários que se configuram para o futuro da disciplina académica.

## O que é «a Economia moderna»?

D izia-se antigamente que onde estão dois economistas há pelo menos três opiniões diferentes. De facto, a Economia foi desde sempre uma disciplina académica caracterizada pela existência de diversas tradições e correntes teóricas com expressão em diferentes pontos de vista e opiniões acerca dos problemas. Pode, portanto, parecer estranho que a *The Economist* se refira à «Moderna Teoria Económica» no singular.

A verdade, no entanto, é que a «moderna Economia» de que falava a *The Economist* é a Economia tal como actualmente existe, não a velha Economia pluralista que existiu

nos Estados Unidos entre as duas guerras mundiais e até mais recentemente na Europa.

Nos Estados Unidos, durante e após a Segunda Guerra Mundial, a Economia sofreu uma profunda transformação que a levou do pluralismo à hegemonia de uma só corrente teórica. Paul Samuelson, um dos principais protagonistas deste processo, escrevia em 1955: «Nos anos recentes, 90 por cento dos economistas americanos deixaram de ser «economistas keynesianos» ou «economistas anti-keynesianos». Em vez disso, trabalharam para construir uma síntese de tudo o que é válido na economia antiga e nas modernas teorias da determinação do rendimento. O resultado, a que poderia chamar-se economia neoclássica, é aceite, em linhas gerais, por todos menos cerca de cinco por cento de autores de extrema-esquerda e extrema-direita»<sup>2</sup>.

Paul Samuelson havia sido de facto um dos principais arquitectos da síntese da microeconomia neoclássica com um modelo vagamente keynesiano, que ele próprio celebrava nesta passagem, e o autor do manual que o disseminou em todo o mundo durante várias décadas.

Na década de 1970, contudo, esta síntese, ou consenso, viria a quebrar-se em consequência da ruptura operada e da influência adquirida pelos monetaristas e os «novos clássicos» da Escola de Chicago. A perspectiva de uma Economia unificada já não agradava tanto a Paul Samuelson como no passado. Em 1992, sentiu mesmo a necessidade de assinar com outros quarenta e quatro economistas de renome um «Apelo a favor de uma economia pluralista e rigorosa», que só conseguiu ser publicado na *American Economic Review* como publicidade paga.

Samuelson queria evitar uma nova síntese hegemónica, desta vez, pelos economistas de Chicago, mas, na década de 1990, o que



ele receava veio efectivamente a acontecer: o novo consenso, festejado em 2008 pelo actual economista-chefe do Banco Mundial, Olivier Blanchard, envolvia agora «as novas ferramentas desenvolvidas pelos novos-clássicos... [e] os factos enfatizados pelos novos-keynesianos»<sup>3</sup>.

Os acontecimentos nos Estados Unidos são de especial relevância, porque viriam a determinar o que veio acontecer em todo o mundo. Pouco a pouco, departamentos de economia que anteriormente eram pluralistas sofreram transformações semelhantes às que aconteceram nos Estados Unidos, conduzindo à hegemonia de uma perspectiva única (neoliberal) na teoria e na prática. A transformação envolveu conversões pessoais espectaculares, exclusões diversas, golpes palacianos, critérios de admissão ideologicamente condicionados. O que veio a prevalecer foi a «Moderna Teoria Económica» — uma coligação teórica que excluiu um conjunto de tradições que estiveram presentes (e em certa medida ainda estão) na academia e nas associações profissionais: o (pós-)keynesianismo, o marxismo, os institucionalismos e a economia evolucionista. Portugal, não obstante a persistência de alguns indivi-

duos com visões divergentes das hegemónicas e o relativo pluralismo ainda existente em alguns departamentos periféricos, não foi excepção à tendência geral<sup>4</sup>.

A coligação teórica que acabou por dominar a academia nos Estados Unidos e na Europa é o que a *The Economist* toma como «Moderna Teoria Económica». É também o que o público toma como «Economia». Até há bem pouco tempo, o espaço mediático de opinião económica era integralmente ocupado por comentaristas que, sendo múltiplos em número, exprimiam uma única opinião. O público habituou-se a associar essa opinião à opinião do «economista» e esqueceu que os economistas podiam ter opiniões diferentes<sup>5</sup>.

## A «Economia» e os «economistas» são culpados?

Quem culpar pela crise? Os meios de comunicação social sugeriram a ganância, a deregulação e os reguladores, os banqueiros, os economistas e, finalmente, a própria Economia. Feitas as contas, foram os economistas, apoiados na sua «ciência económica» e com as suas teorias do interesse próprio espontaneamente transformado em bem comum, que legitiaram a ganância e advogaram a deregulação, a privatização geral e a liberdade de movimentos dos capitais.

Mas pode uma disciplina académica, uma ciência social, ser responsável por uma crise? Que sentido faria acusar a Sociologia por uma qualquer crise social; ou a Génia Política por uma crise política? O público e os *media* são injustos quando apontam o dedo acusador à Economia e aos economistas?

Há três características da «Moderna Teoria Económica» que a tornam muito suspeita e vulnerável.

Primeira característica. A «Economia», tal como era concebida por exemplo por Milton Friedman, reclamava para si um estatuto de ciência na medida em que os seus modelos permitiam formular predições e em que essas predições resistiam ao teste da experiência. Acusar uma ciência social de ser incapaz de prever um qualquer fenómeno social é um disparate. Contudo, quando essa ciência social é a «Economia» as coisas são diferentes.

Foram os «economistas» que afirmaram a superioridade da sua ciência relativamente às outras ciências sociais com base numa suposta capacidade preditiva que lhe seria peculiar. Acusá-los de não terem previsto a crise não é uma acusação injusta.

Segunda característica. Sendo capaz de prever, a «Economia moderna» afirmava-se também capaz de controlar a economia. Até há muito pouco tempo alguns economistas acreditavam que a Economia tinha realizado feitos extraordinários: o «problema central da prevenção da depressão foi resolvido», declarou Robert Lucas, da Universidade de Chicago, em 2003<sup>6</sup>.

Sob o manto da neutralidade científica, os economistas envolveram-se na política e adquiriram uma influência com que nenhuma outra ciência social pode sequer sonhar. Os governos ouviam realmente os economistas e (muitas vezes contrariados) faziam o que eles lhe diziam não poder ser de outra maneira. Uma vez que os próprios economistas modernos reclamaram capacidade de controlar a economia, acusá-los de não terem sido capazes de o fazer está longe de ser injusto.

Terceira característica. Os economistas modernos tinham formulado modelos segundo os quais seria possível obter trajetórias óptimas e estáveis de crescimento desde



LÚCIA DAVID | Determinação (2010) | Galeria Treme – Arte Contemporânea | Lisboa (até 24 de Abril)

que as políticas monetárias estivessem orientadas para metas de inflação baixas e estáveis e os governos se abstivessem de interferir nos mercados. Estes modelos envolviam inacreditáveis pressupostos. Contudo, em vez de questionarem o realismo dos pressupostos, os economistas modernos advogaram transformações da realidade que os tornassem reais. Se os preços, nomeadamente os salários, eram rígidos à descida, era preciso torná-los flexíveis; se existiam barreiras ao comércio, era preciso removê-las; se os direitos de propriedade estavam mal definidos, era preciso especificá-los; se alguns mercados eram inexistentes, era preciso criá-los.



Os economistas modernos estiveram envolvidos não só na análise da economia como na construção da economia. O seu papel na concepção das inovações financeiras e da nova arquitectura dos mercados financeiros veio agora à luz do dia. O público tende a ver a economia como uma criatura dos economistas e nisto não está completamente enganado. Nestas circunstâncias, acusar os economistas modernos e a Economia moderna pela ruína da economia já não parece tão descabido.

## Os futuros da Economia

O futuro da Economia como disciplina académica depende das dinâmicas de evolução das suas instituições de investigação e de ensino. Hoje é patente que na maioria dessas instituições não existem forças internas capazes de dinamizar uma mudança. Pelo contrário, a crise, passado o momento de perplexidade, parece ter dado origem a um ainda maior encolchimento formalista. As instituições são povoadas, na sua maioria, por pessoas que aprenderam a pensar como economistas modernos. Os hábitos de pensamento são pouco maleáveis, a mudança é percebida como uma ameaça. A renovação da população académica que poderia facilitar o processo está actualmente bloqueada em Portugal.

Não é portanto de esperar qualquer mudança vinda do interior dos atuais departamentos de Economia. Nestas circunstâncias, há dois cenários (não mutuamente exclusivos) a considerar.

Primeiro cenário. A perda de reputação da Economia acenta a procura de formação em Gestão e outras ciências sociais, em

detrimimento da Economia. Os economistas procuram a inserção em Escolas de Gestão onde passam a prestar os seus serviços. A prazo, a economia moderna dilui-se no caldo das «Ciências da Gestão».

Segundo cenário. Indivíduos actualmente dispersos em diversos departamentos coordenam esforços conducentes à coordenação da investigação e à oferta de novos perfis de formação avançada em Economia.

Este segundo cenário pressupõe uma reflexão séria acerca da natureza do conhecimento científico sobre a economia e os modos de aprofundamento e disseminação desse conhecimento. É bem possível que este debate venha a revelar que o desenvolvimento da Economia ocorrido desde os finais do século XIX, a partir da revolução marginalista, não foi mais do que um desvio episódico do caminho percorrido pela Economia Política. É bem possível que venhamos a descobrir que a nova Economia deve recuperar características da Economia Política que a *Economist* fez esquecer: a pluralidade teórica, o diálogo transdisciplinar, a centralidade da história e das instituições, a conversação com a Filosofia Política e Moral. É por aqui que me parece valer a pena fazer caminhar.

\* Economista e investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Este artigo resulta de trabalho e reflexão conjunta com outros investigadores do CES, nomeadamente José Reis e Vitor Neves.

1 «Where Economists Went Wrong», *The Economist*, 16 de Julho de 2009.

2 Citado em Olivier Blanchard, «The State of Macro», *The National Bureau of Economic Research (NBER) Working Paper 14259*, 2008. [www.nber.org/papers/w14259](http://www.nber.org/papers/w14259).

3 *Ibidem*, p. 5.

4 A reconstrução deste processo em Portugal continua a ser um objecto inexplorado pelos historiadores da Economia.

5 É no entanto de sublinhar a ligeira e muito positiva alteração recente desta situação. Certamente em consequência da perda de reputação dos «economistas», a comunicação social começou recentemente a comportar-se em questões de opinião económica como habitualmente fazemos relativamente às de medicina: querem ouvir outras opiniões.

6 Citado por Paul Krugman em «How Did Economists Get It So Wrong?», *The New York Times*, 2 de Setembro de 2009.



# **O PEC E OUTRAS ECONOMIAS**

**JOSÉ CASTRO CALDAS** [p.3]